

O SEGREDO DAS MÃOS: SOBRE O TRABALHO COMO *POIÈSIS* E A SUPERAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MISTIFICADA

*Glauber Lopes Xavier*⁶³

Resumo

O artigo em questão aborda vários temas, como trabalho, representações, modernidade, linguagem e revolução urbana. Todavia, tem como centralidade a reflexão sobre o ato humano de transformação da natureza e a edificação de sua realidade. Neste sentido, consiste num esforço metafilosófico, podendo ser analisado como crítica da ciência e da vida cotidiana no mundo moderno. Não obstante, este projeto metafilosófico, pela superação da filosofia, prescinde do real, o qual decidimos simbolizar em mãos. As mãos desvelam, pois, como ele se processa. Nosso objetivo central foi, por isso, revelar o segredo das mãos. Num primeiro momento, ficamos à sua procura. No segundo, com a inexistência do segredo, centramos nossas discussões na apreensão das possibilidades de superação por meio das mãos e, nas palavras finais, elaboramos um ensaio sobre como se efetivaria o trabalho das mãos na construção de uma cultura que permitira a plena emancipação humana.

Palavras-chave: Trabalho. Representações. Corpo. Vontade de poder.

À procura do segredo...

Concordamos com Marx (2006) ao dizer que o capitalismo produz riquezas. Riqueza facilmente vista e, quando vista, contemplada. E, mais que contemplada, quando sentida, exaltada. Mas o próprio Marx (2006) fizera uma ressalva à produção de tais maravilhas, dizendo que o capitalismo também produz miséria. Muitos foram os estudos que centraram seus esforços na apreensão das glórias advindas deste modo de produção, assim como de suas inglorias para a classe trabalhadora. Todavia, no que toca sua instância mais elementar, pouco se tem discutido para além dos acidentes de trabalho. Faz-se referência aos corpos dos trabalhadores e aí se volta para as frases iniciais a fim de apontar sensações bastante divergentes daquelas firmadas na contemplação e na

⁶³ Professor Efetivo da Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

exaltação, dando-se importância as sensações dos cortes, das perfurações, queimaduras e amputações.

Para além da discussão acerca dos processos no âmbito do trabalho a fim de se evidenciar a exploração de homens e mulheres, buscamos, por ora, apreender a relação entre o trabalho (entendido como transformação da natureza) e o corpo dos trabalhadores e, exatamente por isso (trabalho como dimensão ontológica), algumas representações que foram conformadas. Isto nos permitirá, ademais, um posicionamento crítico no que tange o ritmo do processo de produção de alguns setores no capitalismo contemporâneo, reflexão que envereda para esforços de compreensão sobre o tempo, o espaço e a técnica. Basta que se proponha uma ida até algum restaurante, açougue, confecção ou marcenaria far-se-ão vistos, nas mãos dos trabalhadores, marcas iniciais dos processos de produção das devidas mercadorias. Admirado ficará o visitante com a quantidade de cozinheiros e açougueiros com dedos cortados por facas, sem contar aqueles que foram vítimas de amputações, o que é recorrente no caso dos marceneiros. Do mesmo modo, as costureiras e costureiros reclamarão do quanto suas mãos são, dia após dia, perfuradas por algum instrumento. Não podemos nos esquecer dos trabalhadores rurais, como os cortadores de cana ou os extratores de látex de seringueiras, cujas mãos adquirem uma camada áspera lhes tirando as sensações do toque.

É no toque que esperava chegar. O trabalho de transformar a natureza o tem como essência. Cabe, todavia, entender que determinadas sensações percebidas pelo corpo instauram-se no primado da produção de valores de troca. Exatamente por isso, ao ser subordinado aos ditames do capital, o homem torna-se refém de um ritmo que contraria em primeira instância o seu corpo. O metabolismo do capital não coincide com o metabolismo humano, como atestam os exemplos citados. Neste sentido, as mãos que deveriam se ocupar de múltiplas atividades são, aos poucos, definhadas, fragilizadas ou enrijecidas e insensibilizadas. Mas é preciso reconhecer que estas mesmas mãos passam por um processo de formatação, como o próprio corpo por inteiro, a fim de corresponder às expectativas requeridas pela atividade a ser desempenhada. Um caso emblemático é o dos digitadores. Se por um lado o ritmo intenso de trabalho os leva à aquisição de uma habilidade que permite digitar longos textos em poucas dezenas de minutos, por outro estes trabalhadores são acometidos por lesões em certos casos incuráveis, como a chamada LER (Lesão por esforço repetitivo).

No caso dos cortadores de cana, o ato de desferir centenas de golpes de podão faz com que as mãos dos trabalhadores se tornem resistentes, o que só é alcançado às despensas de muita dor. A adaptação do corpo humano (na reflexão em questão, das mãos) às exigências do trabalho vem a ser

o primeiro segredo deste membro indispensável do corpo. O que seria do desenvolvimento do capitalismo sem as mãos de tantos homens e mulheres? Imaginem então se elas, assim como os demais membros do corpo, não fossem adaptáveis às mais diversas situações impostas pelo trabalho, às intempéries do tempo, à determinadas texturas, à ritmos que desafiam o próprio tempo. As mãos moldam o objeto, conferindo-lhes forma, dando-lhes efetivamente alguma utilidade. Noutros casos, operam, de modo intermitente, certos equipamentos. Por vezes as mãos devem ser ocupadas com precisão, como o apertar dos botões pelos dedos do trabalhador. De tanto fazê-lo, ainda que de olhos fechados, a possibilidade de erro estaria afastada.

Do mesmo modo, as mãos puxam alavancas no momento correto, encaixam peças com presteza e selecionam materiais habilmente. As formas das alavancas, peças, ferramentas e instrumentos vários condicionam os sentidos, de sorte que antes mesmo de executá-las, as atividades são percebidas pelas mãos. Isto é intrigante. É como o olho que projeta a imagem antes mesmo de vê-la. Esta assimilação involuntária é instituída como desiderato do trabalho alienado. Urge considerar que o desenvolvimento das forças produtivas tem nela o grau máximo de subsunção do trabalho ao capital nos limites do ato de transformação da matéria⁶⁴. Fundamentalmente, o progresso da técnica e seu domínio sobre o homem encerram no seio da produção de mercadorias, como fenômeno, alternativas de usos dos corpos para a emancipação social, o que não quer dizer que são eliminadas as possibilidades de resistência. Pelo contrário, compelidos a agirem repetitivamente, quando se fazem percebidas as sensações da opressão, os trabalhadores forjam estratégias de resistência que remetem, também, às sensações, seja de alívio, relaxamento ou transgressão mesmo. É como o acender do cigarro descrito por Dejours ou o alongar dos braços e o breve abandono da tarefa, como deixar que a esteira transporte algo não selecionado.

O próprio trabalhador, por ter noção da expressiva quantidade levada pela esteira, sabe das dificuldades na detecção de alguma negligência de sua parte. Este é o caso, por exemplo, das indústrias de alimentos. Tamanho é o volume de alimentos, como ervilha e milho verde, a serem manualmente selecionados que os trabalhadores definem uma margem segura de tempo no qual podem, brevemente, amenizarem o cansaço de seus corpos. Há inúmeras formas de resistência que são elaboradas consoantes as condições de opressão vivenciadas pelos trabalhadores. Nossos

⁶⁴ Temos esta noção corroborada pelas seguintes palavras de Marx (2004, p. 83) ao examinar o ato do estranhamento da atividade humana prática: “A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente.”

esforços localizam, aqui, nas resistências que se firmam pelo gesto, no ato; no fenômeno e tão somente no fenômeno. Em linhas gerais, no fato de que o as mãos são o mundo, porque o corpo é o mundo. Este é mais um segredo das mãos, o qual fora ricamente tratado por Marx em seus *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, todavia, abandonado pelo pensamento marxista contemporâneo.

Ora, como apreender o desenvolvimento do capitalismo sem o desvelamento de suas condições ontológicas? O mundo é as mãos porque o pensamento não é inseparável da *práxis*, seja ela transformadora ou não. Se isto fora exaustivamente dito pouco fora considerado para além de uma perspectiva revolucionária a ser deflagrada pelo proletariado. A bem da verdade, esta posição tem dificultado a apreensão dos princípios atuais de reprodução das relações de produção. Na medida em que a reprodução das relações de produção na contemporaneidade ancora-se no sujeito, nunca foi tão primordial investigar as múltiplas dimensões que ocupa a vida cotidiana desse sujeito. As mãos que doem compartilham entusiasmo, pois que trabalham e também são usadas para se ostentar a tecnologia, como quando se segura o celular ou algum desses equipamento eletrônicos cuja constante inovação nos dão a sensação de absoluta ignorância. É pelas sensações que se estabelece o encantamento da técnica, o que é bastante irônico ao se pensar que é a partir de sensações cruéis que as maravilhas do capitalismo são criadas.

A riqueza e a miséria deste modo de produção têm em comum a classe trabalhadora como fonte de valor e como destinatária de um seleto número de *gadgets*, posto que enquanto consumidora e fascinada pela novidade são distanciadas, de sua parte, possibilidades de revolta generalizada. Os próprios trabalhadores, contagiados com a falácia burguesa da relação entre a anatomia do corpo e o desempenho da tarefa, muitas vezes sentem-se enaltecidos. De alguma forma, crêem que são valorizados. Tomemos como exemplo as “mãos de pianistas” ou as “mãos de cozinheiros”. Mais pela atribuição a algum dom, muitas vezes tributado a providência divina, do que pelo desenvolvimento da técnica em decorrência da exaustiva prática, é que são explicados os bons resultados obtidos pelos trabalhadores em suas tarefas. Isto vem a ser uma clara demonstração, no plano da subjetividade, do grau de fragmentação das atividades e do conhecimento sobre elas, sem apontar a premissa de um valor burguês contido na disseminação de tal incoerência. Pensar que as pessoas nascem com determinadas características anatômicas e que, por isso, foram concebidas a fim de exercerem esta ou àquela atividade é de um equívoco bárbaro.

Ora, esta é a forma mais simplista de se explicar as coisas, assim como o é a lógica formal (LEFEBVRE, 1983). Em contraposto, a relação homem-natureza no capitalismo é dialética, prenhe

em contradições a serem desveladas. Ultrapassar o nível material da existência no plano das idéias certamente torna mais confortável qualquer justificativa. Atribuir as habilidades do homem a um ser que transcende a natureza consiste num erro proposital. O equívoco é, pois, a essência do capitalismo na medida em que o homem é extirpado de seu habitat. Na sociedade produtora de mercadorias não há apropriação, mas tão somente o uso. Cabe-nos aprofundar as investigações em terrenos pouco visitados, talvez na esteira do que José de Souza Martins (2005) tenha definido como o imaginário e o poético nas ciências sociais. Pois bem, a ausência de apropriação inicia-se já no contato entre o homem e a matéria ou, o que torna as coisas mais complexas, este contato não permite uma simbiose que permita de uma só vez a humanização do homem e a reprodução natural das forças da natureza. O contrário permitira ao homem o desenvolvimento de uma gama de habilidades por meio do trabalho artístico, por exemplo.

Não mais mãos calejadas por apenas um único instrumento musical, pois que a desobrigação da perfeição em nome da competitividade libertaria o sujeito para sua emancipação sensorial, apontando a essencialidade do trabalho como fenômeno. Os sentidos, em sua forma e intensidade, revelam o espectro ôntico do ser, daí seu caráter de substrato da condição humana. Isto nos convoca a um fecundo trabalho de apreensão dos sentidos do trabalho no contexto de uma modernidade avançada. Atentemos, no entanto, para a acepção deste *sentido*. Ao tomá-lo em sua definição fenomênica, nos é imposta a necessidade do alargamento do horizonte da sociologia do trabalho, brilhantemente alcançado por Dejours na atualidade e por Simone Weil algumas décadas passadas. Isto não consiste no apelo a uma fenomenologia, considerando que é da própria dinâmica do real no âmbito das múltiplas dimensões do trabalho que emerge tal problemática.

Noutras palavras, a importância de se tratar o nível *prático-sensível* nas relações de trabalho e na vida cotidiana resulta da própria lógica de *reprodução das condições gerais de produção*. (LEFEBVRE, 1968). A título de exemplo poderíamos dizer que a promoção do fascínio e do encantamento efêmero por meio da tecnologia encontra-se no bojo da reprodução das condições gerais de produção por meio dos sentidos, estabelecendo um contrapeso à opressão cujas marcas instauram-se *a priori*, também, pelos sentidos. No limite, caberia afirmar que o deslumbramento proveniente do uso de alguns equipamentos, como os mp's que permitem ouvir músicas mesmo em constantes movimentos durante as tarefas do dia-a-dia, levaria à fuga efêmera da sofrível realidade. Mas tomemos cuidado. Não se pretende qualquer entendimento da ausência de luta dos trabalhadores como causa da técnica que domina a vida cotidiana. Pretende-se, na verdade, transpor

a reflexão do trabalho como uma das dimensões da vida a fim de se considerá-lo como dimensão qualquer da vida. Por isso a referência ao uso das mãos em tempo qualquer do dia é fundamental.

As mãos deslindam a luta do homem por sua existência e o que mais nos interessa: as manifestações de sua existência. Noutros tempos, usada para defesa, a caça e a coleta. Hoje, como apêndice dos instrumentos por ela criados. Mãos que revelam experiências, sofrimento, dor. Por elas, como dissemos, um mundo é descortinado e os próprios sentidos são ativados. Mesmo o onírico e o imaginário possuem relação com as mãos. Somente ao pensar sobre suas atividades laborais, os trabalhadores sentem o peso nas mãos, isto quando não sonham realizando seus afazeres e, numa fiel reprodução do real, sentem na pele as agruras do trabalho. Temos aí o terceiro segredo das mãos: elas são o homem porque dão sentido à sua existência. Logo, reinventar a existência é o desafio histórico do homem, considerando, evidentemente, sob quais condições como postulou Marx.

O projeto consiste então em libertar o corpo da *práxis* a fim de se construir um mundo em *poiësis*. A arte tem, nesse projeto, um papel elementar. Às mãos, novas sensações devem se fazer reconhecidas. Dar-se-á, então, o encontro entre os três segredos das mãos: novas adaptações à uma realidade plenamente emancipatória, um novo mundo e uma nova existência. Afinal, as mãos, na interação com a natureza, estabelecem um metabolismo social, a partir do qual se dá a emergência de uma materialidade com suas determinações, bem como o assento de alguma forma de vida. Isto é concomitantemente fenomênico e histórico⁶⁵. Finalmente, num arranjo entre os três segredos, o trabalho se desvela: fenômeno humano total que confere substância à vida dando-lhe sentido e existência. Na ordem do esforço teórico, este projeto requer atenção ao sujeito e a subjetividade. Durante determinado momento, é preciso liberar o indivíduo da classificação, ora como burguês, ora como proletário, a fim de se apreender o trabalho numa perspectiva realmente total. Mais que isto, verificar a subjetividade alienada a partir das condições estabelecidas pela miséria do cotidiano, o qual invadiu praticamente todas as instâncias da vida, a despeito das acentuadas diferenças entre as classes no que concernem suas condições materiais de existência. Este esforço, ao lidar com o avanço da modernidade, ou, nas palavras de Lefebvre, com a *sociedade burocrática de consumo dirigida* (LEFEBVRE, 1972a), tem como objeto as condições gerais de produção. Não

⁶⁵ Observem bem que isto é o método chamado *materialismo histórico-dialético*. Se nos acusam de reformistas, afirmamos que não dogmatizamos o pensamento marxista ao ponto de acreditar que nele não exista qualquer lacuna ou mesmo que seus conceitos e categorias se adéqüem totalmente ao contexto histórico com o qual trabalhamos.

obstante, seu sentido extrapola as relações de produção, ao que se deve a essencialidade do sujeito. Quanto à noção de sujeito, compartilhamos com a seguinte definição de Dejours (2000, p. 29):

Não é uma denominação genérica para designar tanto o sujeito quanto um homem ou uma mulher, uma pessoa qualquer ou um agente indefinido. Toda vez que esse termo aparecer, será para falar de quem vivencia afetivamente a situação em questão. Afetivamente, isto é, sob a forma de uma emoção ou de um sentimento que não é apenas um conteúdo de pensamento, mas sobretudo um estado do corpo. A afetividade é o modo pelo qual o próprio corpo vivencia seu contado com o mundo. A afetividade está na base da subjetividade.

É inútil pensar a existência das classes sociais sem levar em consideração a subjetividade, do mesmo modo pensar a história sem a apreensão do momentâneo. Se a classe trabalhadora constitui-se, a rigor metodológico, pelo fato de que alguns indivíduos são despossuídos dos meios de produção, ela se estabelece, sobretudo, e fundamentalmente pela experiência que esses indivíduos comungam, as quais incidem no âmbito do corpo e da invisibilidade. Damos relevância, aqui, ao nível sensorial do processo de trabalho alienado, entendendo que a dor e o sofrimento imbuídos na experiência conformam a essencialidade das sensações que levam homens e mulheres a compartilharem sentimentos comuns e elaborarem estratégias cotidianas de insurreição do prazer. Todavia, é necessário reconhecer que assim como as próprias lutas da classe trabalhadora, na ordem da psique as estratégias defensivas são, não poucas vezes, permeadas por contradições. Uma acurada perspicácia permite verificar que, em alguns casos, elas resultam de transtornos desta ordem. A contradição está em que “*A análise detalhada do funcionamento dessas estratégias mostra igualmente que elas podem contribuir para tornar aceitável aquilo que não deveria sê-lo.*” (DEJOURS, 2000, p. 36). Torna aceitável, por exemplo, a alegação de que o não cumprimento de determinada tarefa por parte do funcionário se deve única e exclusivamente por sua incompetência. Assim, é gestada a chamada “*normalidade sofrente*” abordada por Dejours (2000), vivenciada também pelo trabalhador quando se está doente.

Numa aproximação dos estudos de Dejours (1992, 2000) dos escritos de Marx chegamos à consideração de que a explicação para tais fenômenos sociais, desde as ideologias defensivas, até a ideologia da vergonha, centra-se no *modus operandi* do trabalho regido pelos ditames do capital. Significa dizer que a reprodução da cotidianidade no que concerne a subjetividade dos trabalhadores possui relação, mas não qualquer relação, com o modo de agir nos processos de produção. Neste sentido, as relações sociais que ancoram as tarefas no espaço do trabalho extrapolam para o espaço da vida. Isso explica porque a maioria das doenças ocupacionais na

contemporaneidade é de ordem psíquica, afinal, o hedonismo que marca a sociedade hodierna possui intrínseca ligação com o próprio individualismo nas atividades laborais.

Não intentamos, na tentativa de análise desta relação, estabelecer qualquer relação causal entre processo de trabalho (*modus operandi*) e vida cotidiana (*modus vivendi*), mediados pelo estranhamento/alienação e pela psicopatologia, respectivamente. Apenas buscamos apreendê-las como unidade, ponderando que as contradições advindas de uma relação entre o homem e o mundo mediada pelo valor de troca⁶⁶ possui, em seu âmago, uma expressão fenomênica. Nada atesta melhor tal expressão, dentre os textos trabalhados, que as descrições de Simone Weil. Se por um lado os *Manuscritos econômicos-filosóficos* são, como o próprio título esclarece, de cunho filosófico e os escritos de Dejours podem ser classificados como analíticos no tocante à subjetividade do trabalho, por outro, os estudos de Weil revelam, pelas entranhas, como estranhamento e alienação se realizam. Noutras palavras, expõem a essência da condição operária, limpidamente resumida na seguinte frase: “A escravidão, para ser aceita, deve durar por dia o bastante para quebrar alguma coisa dentro do homem”. (WEIL, 1979, p. 140). Diferentemente de muitos teóricos, Weil efetivamente sentiu e expressou o âmago do trabalho estranhado.

Mas o que se quebra dentro do homem? Nietzsche, melhor que qualquer outro filósofo, responde: a *poesia*. E porque supera os demais? Porque há poesia em seus escritos, a constante procura do ser, a superação do logos no pensar como ação. Outro pensar, produto de outra linguagem, a da vontade de poder, compreendendo a linguagem como a própria consciência. Pode-se, portanto, apreender o mundo moderno a partir das seguintes observações: 1) A existência humana é conformada a partir de determinada relação homem-natureza; 2) Temos que esta relação é constituída pelo primado do valor de troca, tendo como desiderato o atendimento das necessidades humanas consoante a dinâmica de reprodução do capital; 3) São produtos deste metabolismo social uma ética, uma linguagem e uma estética; 4) Fruto de representações que são gestadas no cotidiano, a realidade é, pois, alienante e resultado de processos alienados. A síntese deste encadeamento de idéias está contida na seguinte passagem de Marx (1985, p. 113): “Assim como os indivíduos expressam suas vidas, assim eles são. E o que eles são, portanto, coincide com sua produção, tanto com o que produzem quanto com o como produzem.”

As palavras de Marx atestam o caráter antropológico de suas preocupações. O segredo das mãos é, pois, antropológico. *Homo faber, homo economicus, homu ludens, homo ridens?* Como

⁶⁶ A troca e o uso exprimem, por sua vez, fenômenos, desvelando divergentes linguagens da realidade.

aponta Henri Lefebvre: *homo cotidianus*. Ora, a condição que define sua relação espaço-tempo, as representações que emanam da relação homem-mundo, ações, consciência, linguagem, ética, retórica e estética. Enfim, que define sua *práxis*. Bem entendido, uma *práxis* que transpõe as atividades laborais, a partir da qual se reproduz o vivido no atendimento de certas necessidades. O *como os homens produzem* de que trata Marx ultrapassa a ação referente à produção dos objetos. Na verdade, envolve a produção de relações, referenciais, signos, símbolos e sinais. Este *como* explica o uso da palavra, o discurso. Dá-lhe vida, assim como permite que os símbolos, signos e sinais contenham determinados sentidos e promovam processos cognitivos particulares. Assim, propulsionam os reflexos humanos, estabelecendo estímulos sensoriais, conformando os usos dos corpos.

A miséria do cotidiano pode ser explicada nesta perspectiva. Está em que os corpos são instigados cada vez mais aos reflexos e não à reflexão (VIRILIO, 1996). Os estímulos, operados a partir dos ditames do valor de troca, são limitados ao uso de alguns fragmentos do corpo segundo algumas tarefas. Note, o uso do corpo sob este primado não significa apenas que as ações humanas são, desta forma, reprimidas, mas ainda e fundamentalmente que é descortinada perante o homem uma condição histórica na qual ele se torna apêndice das máquinas e cujo conhecimento não prescinde dos interesses de sua emancipação social. Somente a insurreição do uso colocaria fim à esta subsunção. Ou seja, somente a liberação absoluta dos corpos, permitindo o desenvolvimento das múltiplas potencialidades e, por conseguinte, o preenchimento de necessidades da ordem do desejo. A busca é, portanto, pela *poiësis*. No nível prático-sensível dar-se-ia a desconstrução das representações cotidianas que mistificam as consciências, “[...] pois toda a pele, e todos os órgãos dos sentidos são, também, desenvolvidos, reproduzidos, etc., no processo da vida, quanto pressupostos deste processo de reprodução.” (MARX, 1985, p. 78). E ainda, “O trabalho torna-se uma necessidade. Os sentidos são cultivados e apurados pelo trabalho.” (LEFEBVRE, 1968, p. 28). Partiremos para uma reflexão entre trabalho e representações, pensando a perspectiva revolucionária que, segundo Lefebvre, estaria imersa no urbano.

Quando não mais existe o segredo...

Descobrimos o segredo das mãos? Sim e Não. Teoricamente, sim. Mas isto não foi o bastante para ver chegar a *poièsis*. Ou seja, do ponto de vista da ação, não. Pensar assim seria de uma tremenda ingenuidade, na medida em que a superação pela *poièsis* se trata da superação da própria filosofia. Existe, pode-se afirmar, um nítido desencontro entre *práxis* e *poièsis* na história contemporânea. Filosoficamente, este desencontro pode ser percebido na contraposição entre os postulados marxistas e a *prática poética* nietzschiana. Contrariando esta perspectiva, a mesma obra, a cidade contemporânea, cuja função consiste em reproduzir as relações de produção a partir das trocas, é marcada pela transgressão continua de grupos desprivilegiados. Ou seja, as mãos que operam as máquinas, equipamentos e ferramentas na edificação do urbano (enquanto forma), muitas vezes subvertem a ordem a partir de manifestações. Pretendo com isto tornar visível a contradição que vivemos no mundo moderno, cuja centralidade é ocupada pelo urbano. As mãos o permitiram, mas para malogro do projeto do capital, por vezes elas se utilizam de relações sociais que se constituem em seu bojo a fim de propugnarem a *vontade de poder*.

É óbvio, todavia, que a perspectiva revolucionária instituída no urbano figura-se enquanto virtualidade. No entanto, não se pode negar as contradições que emergiram de tantos esforços, por meio de tantas mãos, durante tantos séculos. A diferença entre nossos argumentos daqueles particulares à escola fenomenológica reside na importância que tributamos à história. As mãos impelem atos, mas é o princípio mimético (*mimésis*) que as leva à degradação humana e à construção da história à contramão da perspectiva emancipatória. As mãos construíram, ainda, a cotidianidade e percebem, insistentemente, seus impulsos e seus reflexos. Nietzsche (1986) proferiu que o ser é pulsão. Veja, assim como o trabalho ritmado, a vida programada que se constitui a partir dele e da *sociedade burocrática de consumo dirigida* (LEFEBVRE, 1972a) reprime os desejos, o prazer, o gozo e a *vontade de poder*. Ora, as mãos são, por sua vez, programadas, elas desvelam a *miséria* do cotidiano não apenas pelas marcas do trabalho, mas também pelo uso dos produtos que dele provém. Se o apertar dos parafusos é ritmado, cadenciado, controlado em frações de minutos, os abraços e beijos também o são. Do mesmo modo, o chamado “lazer”, na medida em que o próprio repouso dos corpos passa a ser mercantilizado.

Faz-se necessário pensar o uso das mãos a partir do advento de determinadas tecnologias da modernidade. Refletir como tais tecnologias imprimem o domínio sobre o corpo. É como se os homens sofressem, constantemente, a mutilação de seus corpos. Ora, a mutilação não consiste

apenas na ausência, mas no efeito subjetivo de impotência humana causado pelas máquinas. É necessário, aqui, um momento destinado à discussão sobre a técnica. Para tanto, nos apropriamos das críticas de Paul Virilio (1996) ao *motor informático*, hegemônico na atual fase da modernidade. Lançamos uso de seu conceito a fim de se pensar a subordinação do corpo, a partir das mãos, à técnica e suas resultantes sobre as relações sociais. Paul Virilio (1996) elaborou o conceito de motor preocupando-se com o fundamento de reprodução das condições sociais. O motor informático, do convívio hodierno, relaciona-se à inferência lógica. Ao encarregar-se de duplicar a realidade, constituindo uma realidade imediata, esse motor promove a subsunção do real pelo virtual. Tal subsunção altera, significativamente as relações sociais. Irrompe, então, o espaço virtual, bem como o tempo mundial. Do ponto de vista do mercado financeiro, esse arranjo espaço-tempo virtual foi fundamental. A transmissão das informações foi facilitada com a generalização midiática e outros ritmos passaram a imperar na esfera do trabalho e da vida.

O tempo e o espaço locais também passaram a ser desqualificados. Surgem, assim, os não-lugares⁶⁷. Logo, o factual, o *hic et nunc* (aqui e agora), são suprimidos, isto é, a própria possibilidade de encontro e percepção sensorial dos indivíduos. Tal captura dos homens resulta em relações sociais da ordem do simulacro. Assim, o *motor informático* destemporaliza e deslocaliza o tempo e o espaço. A comunidade virtual destrói a comunidade real, o que é um problema ontologicamente grave. (VIRILIO, 1996). Há, portanto, a total metamorfose do uso do corpo. Agora, o apertar das mãos passa a ser substituídos pelo apertar de teclas de computadores. Coube ao motor informático aniquilar a lentidão. Ao funcionalizar o espaço, disciplinou os corpos conforme seus interesses (vigilância constante). Aos desmunidos da tecnologia que permite a rapidez é relegada a posição de fraqueza, pois como diz Milton Santos (2008), o tempo lento é o tempo dos fracos, sendo que o tempo mundial é a domesticação mundial. (VIRILIO, 1996). Portanto, é a lei do menor esforço que capitaneia os motores, extirpando o vivido, o uso do corpo conforme sua capacidade natural. Isso não deixa de ser uma contradição, na medida em que drogas químicas são criadas a fim de desacelerarem os organismos, quando é o tempo que deveria ser desacelerado.

O cume das atrocidades provenientes do *motor informático* consiste no chamado sexo cibernético, sendo que várias pesquisas estão sendo feitas a fim de se obter uma pele artificial. Vê o homem o desprezo absoluto pelo seu próprio corpo. A satisfação de seus impulsos sexuais por meio

⁶⁷ Augé define *não-lugar* como um espaço organizado que não garanta identidade, relações e história. Embora não seja exatamente essa a definição de Virilio, uma vez que para esse autor o não-lugar resulta apenas do espaço virtual, é incontestável que ambas possuem o mesmo conteúdo no que tange às relações sociais. AUGÉ, Marc. Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

de um robô é a prova cabal da degenerescência humana. Há que se considerar, ainda, a tentativa de criação de um homem artificial que terá acrescentado ao seu corpo nano-máquinas, micromáquinas, enfim, elementos técnicos que permitirão o aumento de sua memória, a aceleração do seu ritmo sem desgaste psicológico e transformações outras. É o corpo sendo fagocitado pela técnica. Resta, segundo Virilio (1996), a dança e o teatro como formas de resistência, artes assentadas eminentemente pelo uso do corpo. E o urbano possui ligação direta com tais formas de resistência. É preciso recriar o espaço, permitindo sua plena apropriação. Outras mãos devem substituir as dos arquitetos e urbanistas que projetam as formas segundo os conteúdos de interesse da reprodução do capital. Não mais será o dedo do “especialista”, representante da *intelligentsia*, que determinará a finalidade dos lugares. Mas os corpos, no pleno uso, *aqui e agora*. Esta revolução, a do urbano, vem a ser a superação das representações.

É chegado o momento desta revolução? À maneira de Lefebvre, respondemos: Sim e Não. Sim, pois é no cotidiano que a revolução se estabelece, a partir das fendas da cotidianidade (LEFEBVRE, 1961). Não, se a revolução esperada ignora as continuidades e discontinuidades da história. Ora, a *poièsis*, conforme já dissemos, subverte-se pela *práxis*. Esta *práxis* consiste na edificação do ser social, de sua estrutura de pensamento e ação. Ela restitui, segundo Lefebvre (1968), o nível *prático-sensível* da vida. “*Desta forma descobrimos o duplo fundamento de toda práxis: o sensível, de um lado e, do outro, a atividade criadora, estimulada pela necessidade que ela transforma.*” (LEFEBVRE, 1968, p.29). A *práxis* qualifica, assim, a relação homem-natureza. Consiste no substrato da realidade material humana, sendo, por isso, o fundamento das construções sociais mais simples até as mais elaboradas. As representações têm, nela, seu *leitmotiv*. A isto se deve o caráter conceitual das representações. Ora, elas emergem da realidade e a realidade retornam de forma autônoma. Para se pensar nas representações é preciso considerar as formas. Tomemos como exemplo o relógio. Ele é o mecanismo de referência para o tempo, mediação de relações sociais conformadas pela programação dos atos. Ele representa, fundamentalmente, o domínio humano do tempo.

Não obstante, com a modernidade dá-se o controle das múltiplas dimensões da vida. No bojo deste processo, as consciências são alteradas, assim como a própria linguagem. Segundo Lefebvre (1968, p. 48): “*Não existe consciência sem linguagem, porque a linguagem é a consciência real, prática, existindo para outros homens, logo, existindo para o ser que se tornou consciente.*” Ora, se a *práxis* gera, conforme elucidou Lefebvre (1968), instrumentos, linguagens, conceitos e signos e se o primado desta *práxis* é a relação social que se estabelece pela troca e não

pelo uso, conformando, desde o nível *prático-sensível*, representações que impedem a apropriação e o vivido, a linguagem da modernidade denuncia a *miséria do cotidiano* (LEFEBVRE, 1972a). Esta linguagem, é necessário reafirmar, é a própria consciência que temos da realidade, ou seja, não se pode dissociar o significado de seu significante. A palavra é viva, redonda de um ato. Somente o urbano poderia abalar as estruturas das representações contemporâneas, as quais estão diretamente relacionadas às formas que repelem a plena liberdade dos corpos, impedindo o gozo, normatizando a vida em sociedade, instituindo condutas ao bel prazer dos interesses da *reprodução das relações de produção*.

Exatamente por isso, no pensamento de Lefebvre (2006) as representações não podem ser desvinculadas das práticas. Erro cometido pela teoria da representação social de base durkheimiana. Esta reifica por sua vez a sociedade e não a captura pelo movimento contínuo que possui, o qual agrupa a formação do próprio saber, a concepção. A tríade lefebvriana conformada pelo concebido, pelo percebido e pelo vivido permite apreender as representações numa perspectiva metafilosófica, isto é, de como a superação das representações consiste na superação da própria filosofia. Ao contrário deste projeto, a teoria das representações sociais, ancorada predominantemente no pensamento durkheimiano, reafirma o conhecimento parcelado, especializado, na busca por conferir à sociologia um estatuto científico⁶⁸. O urbano, como perspectiva revolucionária, colocaria por terra inclusive o primado do conhecimento hodierno. Isto é parte da própria superação, entendendo que a concepção está relacionada à linguagem e que a ciência enquanto linguagem passaria a ser reconstruída. No entanto, não de forma atomizada, o que tornaria possível somente com o anúncio do vivido, no seio da *práxis*.

O urbano que se vislumbra, em sua virtualidade, nega as atuais representações. Isto se deve ao fato de que ele emana de uma nova relação homem-natureza, pondo fim às antigas formas, possibilitando novas experiências, aliadas ao conhecimento emancipatório e libertário. Qual forma teria esse urbano? Não podemos responder, pois o plano é o da virtualidade. Nós nos encontramos capturados por representações, signos, símbolos e sinais, os quais são impeditivos de uma relação homem-natureza que tenha, no uso, seu primado. Ao menos se estivéssemos vivendo, nós da academia, alguma realidade que embora efêmera estivesse no limiar, no residual. Mas não estamos. Percebem os prenúncios de outra realidade determinados grupos sociais em momentos de latente transformação. São raros estes momentos. Eles surpreendem a história, faz tremer seus pilares mais

⁶⁸ Nas palavras de Lefebvre (1968, p. 54): “Durkheim faz da sociedade um ser abstrato, enquanto que para Marx ela nasce da interação (prática) dos grupos e dos indivíduos.”

sólidos. A revolução francesa, a comuna de Paris e o maio de 68 foram momentos em que dias revolucionários valeram por muitos séculos ordinários. A primeira trouxe a primazia do Estado, base da doutrina hegeliana, seu conceito absoluto. A segunda foi marcada pelo levante operário, confirmando a doutrina de Marx e a terceira instaurou uma comoção geral, questionando toda forma de poder em busca da revolução total, de outra maneira de viver. Sua doutrina? A nietzschiana.

A tríade construída por Lefebvre encerra no vivido, onde o espaço é tanto meio quanto fim. Enquanto superação das representações, o urbano passa à “*restituição inteira do sensível e do corpo, em conformidade com a poesia nitzschiana.*” (LEFEBVRE, 1976, p. 259). O urbano, na medida em que envolve o fenômeno humano total, traduz-se pela revolução do conhecimento, das técnicas, dos sistemas, dos objetos, dos símbolos signos e sinais que se produzem e reproduzem pela cotidianidade. O mundo moderno é prenhe de significados que devem nos levar à crítica e ao vislumbre da abertura para o *diferencial*. Seu anúncio tem como palco o teatro espontâneo da vida, no momento em que as máscaras caem, ou seja, as representações. É preciso perspicácia para apercebê-lo. A queda não é abrupta, mas sutil, fruto da contradição que emerge no seio da vida cotidiana. “[...] *bajo esta máscara represetaban muy seriamente la comedia; creían hacer otra cosa que vivir [...]*” (LEFEBVRE, 1940, p. 65).

A revolução urbana é, *ipso facto*, a revolução no e pelo espaço das representações, cujo despontar se dá no mais banal ato repetitivo. Sai da superfície à profundidade. Repetição que inova pelo residual, pelo fragmento desprezível, pelo desvio, pela margem de erro de que tanto tratam os estatísticos. “*O repetitivo engendra o diferencial, e, inversamente, que o diferencial se produz pela repetição, ao longo de um tempo específico.*” (LEFEBVRE, 1976, p. 221). Há que se considerar, contudo, o outro lado, a outra face do caráter repetitivo das relações sociais: sua *miserabilidade*. Os discípulos do pensamento durkheimiano, na incompreensão do repetitivo, têm levado a teoria das representações somente até onde o conhecimento parcelado permite. O máximo que alcançaram foi uma equivocada teoria das representações sociais. O mesmo erro cometem ao tratar da vida cotidiana. “*A época moderna saboreiam assim até às fezes o gosto da repetição*” (LEFEBVRE, 1976, p. 225).

Mas o que se repete? Palavras. O que atesta as assertivas? O dito. Mas não o dito pelo dito. Não o cogito cartesiano. “*Penso, logo existo. Não! Quando penso, não existo, e se penso, é porque não existo – procuro o ser. O sujeito pensante descobre-se sujeito que discorre, que busca, que sofre – sujeito do não ser.*” (LEFEBVRE, 1976, p. 175). Maravilhosa sacada de Nietzsche. O ser é pulsão, na palavra há som, a palavra é ato. “*A palavra consiste tão somente na representação*

sonora de uma excitação nervosa” (LEFEBVRE, 1976, p. 200). O que fazemos com ela? Reificamos e, então, reviramos, analisamos minuciosamente, indagamos, examinamos exaustivamente, pensando com isso apreender a realidade dos homens. Mas tomemos cuidado. A própria filosofia não passa de ressentimento à luz da doutrina nietzschiana. Com a sociologia não seria diferente. O estudo das representações tomando a palavra pela palavra é inútil, mera verborragia. É preciso compreender que a linguagem denota a relação entre homens e objetos. As palavras expressam metaforicamente esta relação. Tudo se complica, todavia, a partir do momento em que tais objetos são convertidos em mercadorias. Marx, a quem coube o árduo esforço de decodificar o capitalismo, nos deixou grandes ensinamentos. Apreendeu uma linguagem.

A revolução urbana é, também, a revolução pela linguagem. A linguagem como *poética* para exprimir o espaço, a ética, a retórica e a estética. Todos, como manifestação do vivido e não mais do concebido que reserva à palavra a narrativa das representações. Eis o sentido do *projeto*: a superação das representações no ato, *hic et nunc*, aqui e agora. Retomemos a técnica como representação por excelência. Note, ela propugna uma linguagem, valores, comportamentos, usos dos corpos. Ela é, como já insistimos, antropológica. A relação entre corpo e consciência que emergirá da revolução urbana será, pois, da ordem da técnica, posto que desdobramento da relação homem-natureza. Corpo e consciência tornar-se-ão inseparáveis, na medida em que o saber terá sua origem no *vivido*. Negando a repetição que contaminava o conhecimento da modernidade, Nietzsche (1983a) projetou em *Zaratustra* a dissolução dos valores ocidentais. A superação do concebido e do percebido pelo vivido, pela *poiéses*. Esta é a brecha (subjéctiva) que revela Nietzsche, o que não nega o marxismo. Exatamente por isso, reconhecendo a riqueza tanto do pensamento de Nietzsche, quanto do de Marx, ao se perguntar *a quem apelar*, Lefebvre (1976, p. 259) responde:

Este projeto do espaço, obra à escala planetária de uma dupla atividade produtora e criadora (estética e material), acaso seria o substituto empírico do sobre-humano, um produto de substituição? Não. Implica antes uma superação (*Ueberwinden*) à escala do mundo, capaz de precipitar no abolido os resultados mortos do tempo histórico. E comporta uma provação concreta, ligada à prática e à totalidade do possível, segundo o pensamento mais radical de Marx; ligada igualmente à restituição inteira do sensível e do corpo, em conformidade com a poesia nietzschiana.

Lefebvre Nietzsche o pensamento marxista? Não. Tão somente enxerga na revolução urbana a convergência entre o legado de Marx e a fecunda prática poética em Nietzsche. Ao pensar a cidade como lócus da fragmentação da vida cotidiana, do conhecimento, das classes sociais, Lefebvre (1999, 2001) critica o espaço como valor de troca e tudo o mais que ele envolve e

determina, especialmente as relações sociais. Vai além, ao pensar a implosão deste espaço e a reunião de seus estilhaços noutra dinâmica, verificando a primazia subjaz ao corpo, à *vontade de poder*, ao devir. Apelar somente para os postulados de Marx incorre em cravar os pés na realidade social do século XIX e inocular a idéia de que as condições não mudaram, tomando o trabalho como determinante maior do fenômeno humano total e a classe operária em moldes pouco convencionais à contemporaneidade. Erro de muitos adeptos do marxismo. O próprio Marx, certo de que o fenômeno humano total extrapola as questões de ordem material, elaborou uma teoria das necessidades. A superação do valor de troca significa, na verdade, a superação da dialética desejo-necessidade. *Possível* na *práxis* poética no/do espaço, em seu uso. Não obstante, é necessário apreender a *vontade de poder* como desejo do corpo que pulsa, como revolução humana total. Revolução como ato e que pode ser simbolizada a partir das mãos. Mas tomemos cuidado. Ela está nas mãos não como representação do membro por sua terminologia, mas como gesto humano de edificação de sua existência.

Últimas palavras: O trabalho das mãos...

Trataremos do porvir, do vir a ser num movimento que ora retoma o presente a fim de apontar a *miséria* nele contida e ora prenuncia o futuro como possibilidade pela desconstrução das representações hodiernas. Neste porvir, trabalho e mãos passam a ter sentidos completamente distintos dos atuais. O trabalho não mais seria reduzido à representação da atividade humana, na medida em que passaria a significar a própria realização da existência, ou seja, enquanto construção de obras e edificação do ser. As mãos seriam o próprio agente de supressão do trabalho nos moldes atuais, entendendo que perderiam o sentido instrumental que o capital se encarrega de, a elas, tributar. Em suma, ambos seriam, pois, a negação da seguinte dinâmica descrita por Marx (1983, p. 229): “*Las fuerzas productivas y las relaciones sociales – unas y otras aspectos diversos del desarrollo del individuo social – se le aparecen a capital únicamente como médios, y no son para él más que médios para producir fundándose en su mezquina base.*” Pelo fato de que são meios e não fins em si mesmos que se instaura o processo de alienação humana, o qual se traduz pela dissociação entre o pensar e o agir humanos e cujos desdobramentos se manifestam na linguagem e, portanto, na construção social da realidade.

O trabalho das mãos consiste, então, no ato de transformação da realidade como fenômeno humano total. A questão não é o apelo para uma transformação imediata, mas isto prescinde das

contradições históricas. As mãos construíram a cidade e, nela, uma forma de vida. A *pólis* como arena do embate de idéias, a cidade comercial (escravos, especiarias, tecidos), a cidade que emerge com a indústria e a clara fragmentação espacial das classes sociais e, na contemporaneidade, as metrópoles, marcadas pela absoluta degenerescência humana, mas também pelas insurgências que se proliferam exponencialmente. Nelas, o conflito de classes é perene, mas algo de novo tem irrompido desse conflito, o desejo pela mudança de vida. As mãos têm sido, aos poucos, atraídas pela necessidade do uso. Seriam exemplos de tais manifestações os grupos artísticos de rua, as formas originais de diversão que subvertem a ordem pública e os ditames do capital? Não estamos aptos a responder. Este processo de transformação histórica, pois que a cidade é um conceito histórico (LEFEBVRE, 1972b) - aliás, muito mal compreendido - encontra-se no limbo de um período em transição. Talvez seus prenúncios não sejam demasiado convincentes. Todavia, os que negam os resíduos, as possibilidades, estão fadados a agonia da mera repetição. O modo de produção capitalista nem sempre existiu, cabe a nós apreendê-lo, mas também nos ocuparmos de suas crises e fissuras que podem, ou não, permitir sua superação.

Esta superação distingue da perspectiva de Marx? Sim e Não. Henri Lefebvre (1972a), com maestria, buscou a compreensão do mundo moderno. Ao fazê-lo, cumpriu seu método, o *materialismo histórico-dialético*, tendo buscado apreender determinados fenômenos que não figuravam o tempo de Marx. Recorreu à Nietzsche ao correr tinta sobre a vida cotidiana. Para Lefebvre, a poesia de Nietzsche completa o pensamento de Marx. Ao mesmo tempo, fica a impressão de que entre ambos há uma lacuna. Ouso dizer que é a história. Talvez estejamos no ínterim entre o capitalismo avançado que vislumbrou Marx e a superação pela vontade de poder perfilada por Nietzsche. Atrás demais para um, à frente demais para outro. Como lhes disse, estamos tratando de processo. O pensamento está aberto. Ele é *metafilosófico*, procura, no vivido, sua superação (LEFEBVRE, 1967). Portanto, na *práxis* poética, a qual ao mesmo tempo cria espaço (forma, espaço físico) pelo seu conteúdo (espaço social, relações sociais) e conhecimento (espaço mental).

Nesta perspectiva, a revolução do/no urbano é *u-tópica*. Às mãos, caberá criar uma nova *topia*, uma nova forma, abrigo de um conteúdo completamente distinto. Este processo é, a um só tempo, físico, quanto mental e social. A partir de novas relações sociais, calcadas no uso, conteúdos originais constituirão a realidade, os quais determinarão formas não menos originais. Tendo superado o primado da troca e a própria filosofia, o vivido determinará o tempo e o espaço dos homens. Será o fim das representações ilusórias, das consciências mistificadas e do cotidiano como

miséria. Por enquanto, temos o desafiante objetivo de examinar as peças, reunir os fragmentos deste colossal período histórico que é a modernidade. Devemos, no entanto, tomar o devido cuidado com este “fazer ciência”, sobremaneira nos estudos que tratam das representações. Acompanhe a seguinte passagem de Nietzsche (1983b, p. 94):

O fato é que, desse mundo da representação, a ciência rigorosa só é capaz de livrar-nos em pequena medida – o que, aliás, nem é de desejar -, já que não é capaz de romper, no essencial, a força de hábitos antiquíssimos de sensação: mas pode aclarar a história da gênese desse mundo como representação, bem aos poucos e passo a passo e elevar-nos, pelo menos por instantes, sobre o evento inteiro. Talvez reconheçamos então que a coisa em si é digna de uma homérica gargalhada; ela parecia tanto, e mesmo tudo, e, propriamente, é vazia, ou seja, vazia de significação.

A questão é, segundo o apontamento de Nietzsche (1983b), romper com a força do hábito, com as sensações. Por isto, buscamos, no primeiro momento do texto, elucidar a relação entre o uso das mãos e as sensações. Isto denota a essencialidade do corpo. Fenomenologicamente, o uso do corpo no primado do uso elabora, cotidianamente, novas formas. É a prática espacial que permite tal elaboração. O urbano conforma a superação das representações do espaço a partir desta prática, considerada, por muitos, subversiva. Está a cargo das mãos, por meio da prática *poética*, superar mais que as relações de produção, mas a reprodução destas relações. Tal superação tem como emoliente a arte, a pela apropriação humana da vida na criação de obras. Desvelados os segredos, descortina-se o projeto das mãos. Recorda-se? Elas são o mundo e a própria existência do homem. Pois bem, o urbano que saltará da *práxis poética* será obra das mãos. Agente da transformação, o corpo (pelas mãos, simbolizado), será alvo de novas sensações e percepções, pondo fim às representações que se encarregam de compor e reproduzir uma cultura, por Lefebvre (1972a) denominada de *miséria do cotidiano*. Esta revolução é, fundamentalmente, a revolução da linguagem na medida em que ela é o substrato das representações. Segundo Nietzsche (1983b, p. 92-93):

A significação da linguagem para o desenvolvimento da civilização está em que, nela, o homem colocou um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou bastante firme para, apoiando nele, deslocar o restante do mundo de seus gozos e tornar-se senhor dele. Na medida em que o homem acreditou, por longos lances de tempo, nos conceitos e nomes das coisas como em *aeternae veritates*, adquiriu aquele orgulho com que se elevou acima do animal: pensava ter efetivamente, na linguagem, o conhecimento do mundo.

Não conhecemos o mundo a partir da linguagem, ela expressa como o conhecemos. Conhecemos o mundo, isto sim, a partir do corpo, das mãos, ao mesmo tempo em que o

construímos. A *vontade de poder* em Nietzsche significa, em última instância, a supressão da linguagem da troca postulada por Marx ou, ainda, a cultura assentada pelo valor de troca. Para tornar claro o que entendemos sobre revolução pela cultura, lançamos uso das seguintes palavras de Lefebvre (1940, p. 142): “*Uma verdadeira cultura es a la vez uma maneira de vivir, de pensar y de obrar. Es un sentimiento de la vida incorporado en una comunidad humana. Implica una relación del hombre consigo mismo y com el mundo.*” O segredo das mãos deslinda o percurso do *materialismo histórico-dialético*. É como dissemos, à frente demais para um, um pouco atrás para outro. O intervalo tem se desdobrado e, aos poucos, permitido o exercício de superação do pensamento por meio de uma *metafilosofia*. O urbano, na esteira do projeto *metafilosófico* de Lefebvre, é o que as condições do avanço da modernidade têm apontado de mais intrigante. Afinal, é como a vida cotidiana tem se reproduzido e as representações firmado seus campos de atuação, desde o sistema dos objetos de que trata Baudrillard (2000) até a própria constituição do que se entende por conhecimento científico. “*La gran cultura del porvenir debe integrar lo cósmico em lo humano, el instinto em la conciencia. Será la cultura del hombre total.*” (LEFEBVRE, 1940, p. 142). Será a cultura que permite o gozo. Por enquanto, fiquemos com a seguinte provocação de Erasmo de Rotterdam (2009, p. 20):

Com efeito, o que é a vida se suprimis seus prazeres? Merece ela então o nome de vida?...Vós me aplaudis, meus amigos! Ah! eu sabia o quanto éreis todos muito loucos, isto é, muito sábios, para não compartilhar meu pensamento...Os próprios estóicos amam o prazer; eles não poderiam odiá-lo. Por mais que dissimulem, por mais que difamem a volúpia aos olhos do vulgo, cumulando-a de injúrias as mais atrozes, é puro fingimento! Tratam de afastar os outros dela para que eles próprios a usufruam com mais liberdade. Mas, por todos os deuses! que eles me digam então qual instante da vida não é triste, tedioso, desagradável, insípido, insuportável, se não for temperado pelo prazer, isto é, pela loucura.

Referências Bibliográficas

- AUGE, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- DEJOURS, Christophe. O trabalho entre sofrimento e prazer. In: *A banalização da injustiça social*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- DEJOURS, Christophe. As estratégias defensivas. In: *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoria de las representaciones*. Cidade do México: FCE, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal/Lógica dialética*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. *Hegel, Marx, Nietzsche ou O reino das sombras*. Póvoa de Varzim: Ulisseia, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. *La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris: Gallimard, 1972a.
- LEFEBVRE, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim: Ulisseia, 1972b.
- LEFEBVRE, Henri. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1968
- LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L´arche Éditeur, 1961. 3v.
- LEFEBVRE, Henri. *Nietzsche*. Cidade do México: FCE, 1940.
- MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornelia; CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2005.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*; trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política* (Grundrisse) 1857-1859. Cidade do México: Siglo Veintiuno Editores, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Os pensadores. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983b.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WEIL, Simone. Experiência de vida de fábrica. In: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.